

SEM DATA

Undated

Sin fecha

Wagner Souza e Silva¹

DOI: doi.org/10.31501/esf.v2i36.16838

Resumo: O ensaio “Sem data” apresenta artefatos arqueológicos isolados e diminutos sobre fundo negro, tensionando a pretensão de objetividade da memória histórica. Ao evidenciar a desproporção entre vestígio material e vastidão temporal, propõe uma reflexão decolonial sobre a arqueologia como campo atravessado por lacunas, disputas narrativas e fabulações críticas do passado.

Palavras-chave: memória. arqueologia. fotografia.

Abstract: The essay “Sem data” (Undated) presents archaeological artifacts isolated and diminished against a black background, challenging the presumed objectivity of historical memory. By highlighting the disproportion between material trace and temporal vastness, it proposes a decolonial reflection on archaeology as a field marked by gaps, narrative disputes, and critical fabulations of the past.

Keywords: memory. archaeology. photography.

Resumen: El ensayo “Sem data” (Sin fecha) presenta artefactos arqueológicos aislados y diminutos sobre un fondo negro, cuestionando la pretendida objetividad de la memoria histórica. Al evidenciar la desproporción entre el vestigio material y la vastedad temporal, propone una reflexión decolonial sobre la arqueología como un campo atravesado por vacíos, disputas narrativas y fabulaciones críticas del pasado.

Palabras-clave: memoria. arqueología. fotografía.

¹ Doutor, Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil. wasosi@usp.br | <https://orcid.org/0000-0003-3839-2305>.

Introdução

Este ensaio visual propõe uma reflexão sobre a memória e colonialidade do saber a partir da representação fotográfica de materialidades arqueológicas. Os artefatos aqui apresentados², com datação de milhares de anos, são vestígios de presenças que antecedem a própria constituição das narrativas nacionais e dos regimes modernos de classificação do passado. No entanto, em vez de serem exibidos como evidências estabilizadas por cronologias precisas e lineares, aparecem diminutos, suspensos no centro do enquadramento, imersos em um campo negro ilimitado.

Tal opção formal tem o objetivo de deslocar o estatuto documental da fotografia. O fundo escuro funciona como metáfora da opacidade histórica produzida por processos de colonialidade do saber, denunciando a impossibilidade de uma neutralização museográfica. Ao longo da modernidade, a arqueologia participou da organização do mundo em hierarquias temporais e civilizatórias, convertendo culturas em estágios e territórios como marcos do tempo. Diante disso, os objetos líticos, frequentemente integrados a narrativas evolutivas e classificatórias, tornam-se aqui pontos frágeis diante da vastidão do desconhecido.

A escala reduzida dos objetos em relação ao enquadramento explicita uma desproporção, fazendo com que cada peça seja índice de um mundo, ao mesmo tempo em que sugere o seu apagamento, seu desaparecimento no tempo. O negro que a envolve representa tanto a profundidade temporal quanto as zonas de silêncio produzidas por epistemicídios históricos. Se a data pretende fixar o passado em uma

² Todos os artefatos são pertencentes ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP).

Visualidades

linha contínua, o ensaio tensiona essa segurança: “Sem data” afirma a insuficiência de toda cronologia diante da densidade das memórias subalternizadas.

Nesse sentido, a arqueologia revela seu caráter ambivalente. É ciência da evidência, mas também da hipótese; constrói certezas provisórias sustentadas por narrativas plausíveis. Ao enfatizar essa dimensão especulativa, o ensaio aproxima-se de uma fabulação crítica, evidenciando que toda interpretação do passado envolve imaginação, lacuna e disputa. Suspensos na escuridão, os artefatos são tanto objetos do passado, como interrogações no presente. Ao retirar esses vestígios de uma visualidade classificatória e colocá-los em um espaço de incerteza, o ensaio propõe uma leitura que reconhece a coexistência de temporalidades, fazendo do artefato um ponto de condensação de disputas sobre narrativas do passado. Diante da vastidão do tempo e da imposição das classificações coloniais, talvez seja preciso reconhecer que toda memória datada permanece, em alguma medida, sem data.



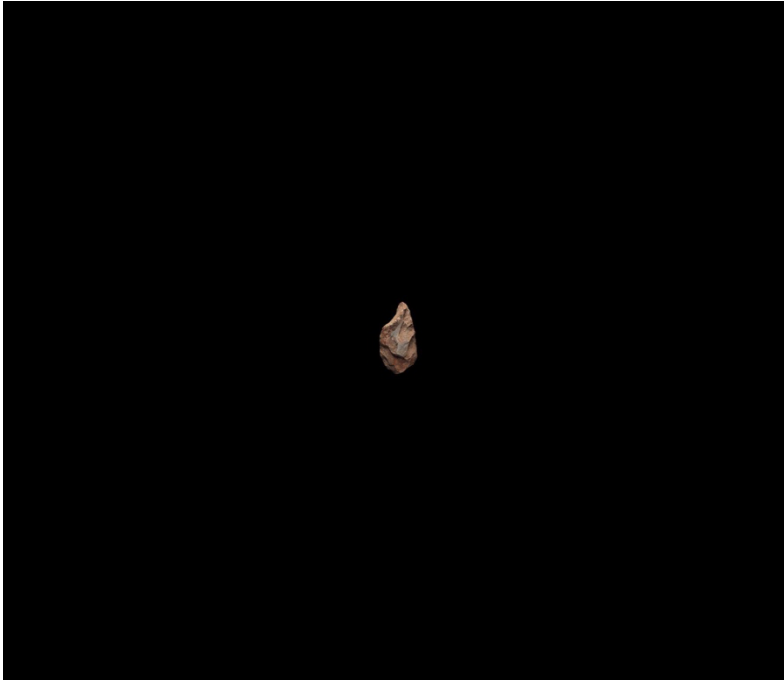


Figura 1- Artefato Lítico (acervo MAE/USP)

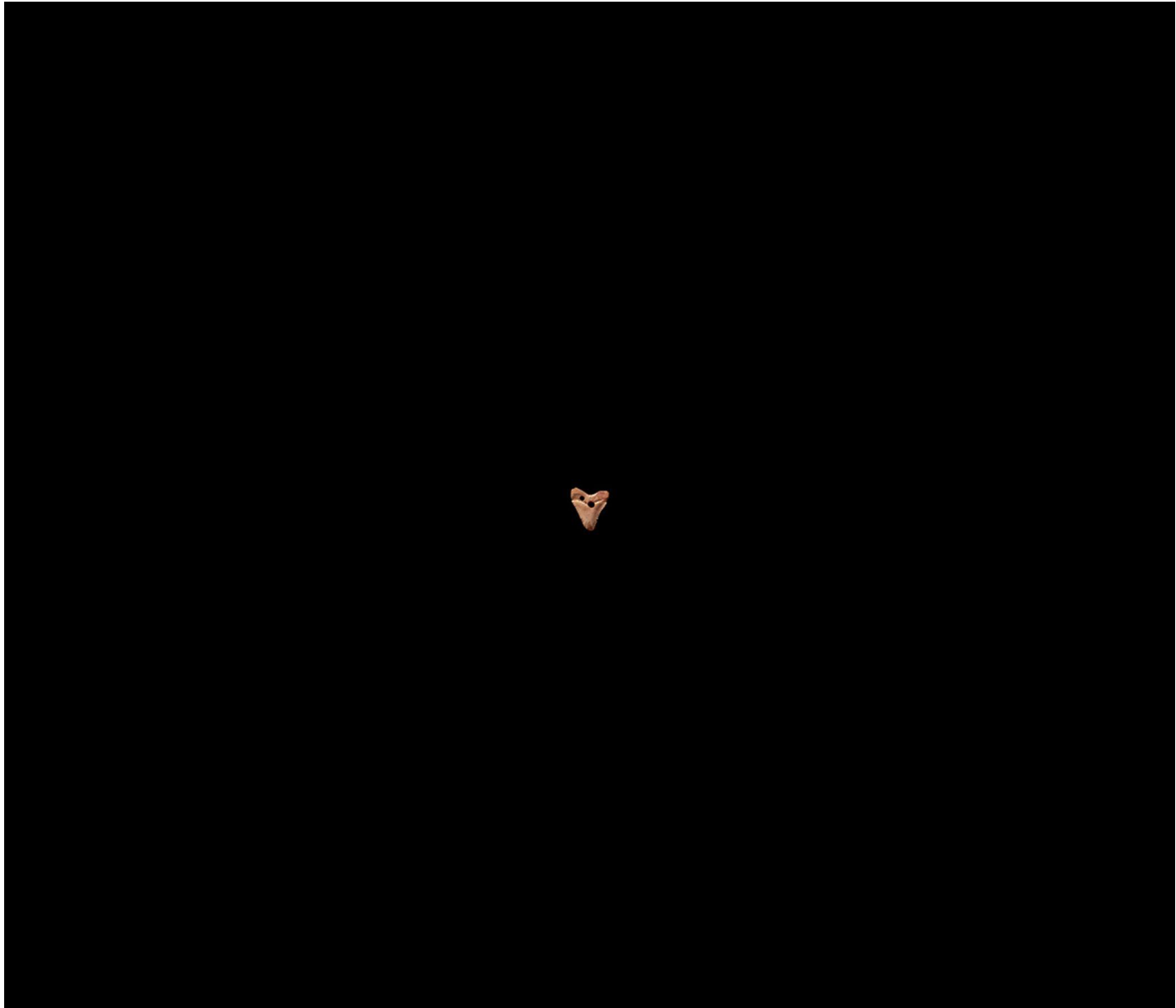


Figura 2- Adorno - dente de tubarão (acervo MAE/USP)



Figura 3- Artefato Lítico Zoomorfo (acervo MAE/USP)

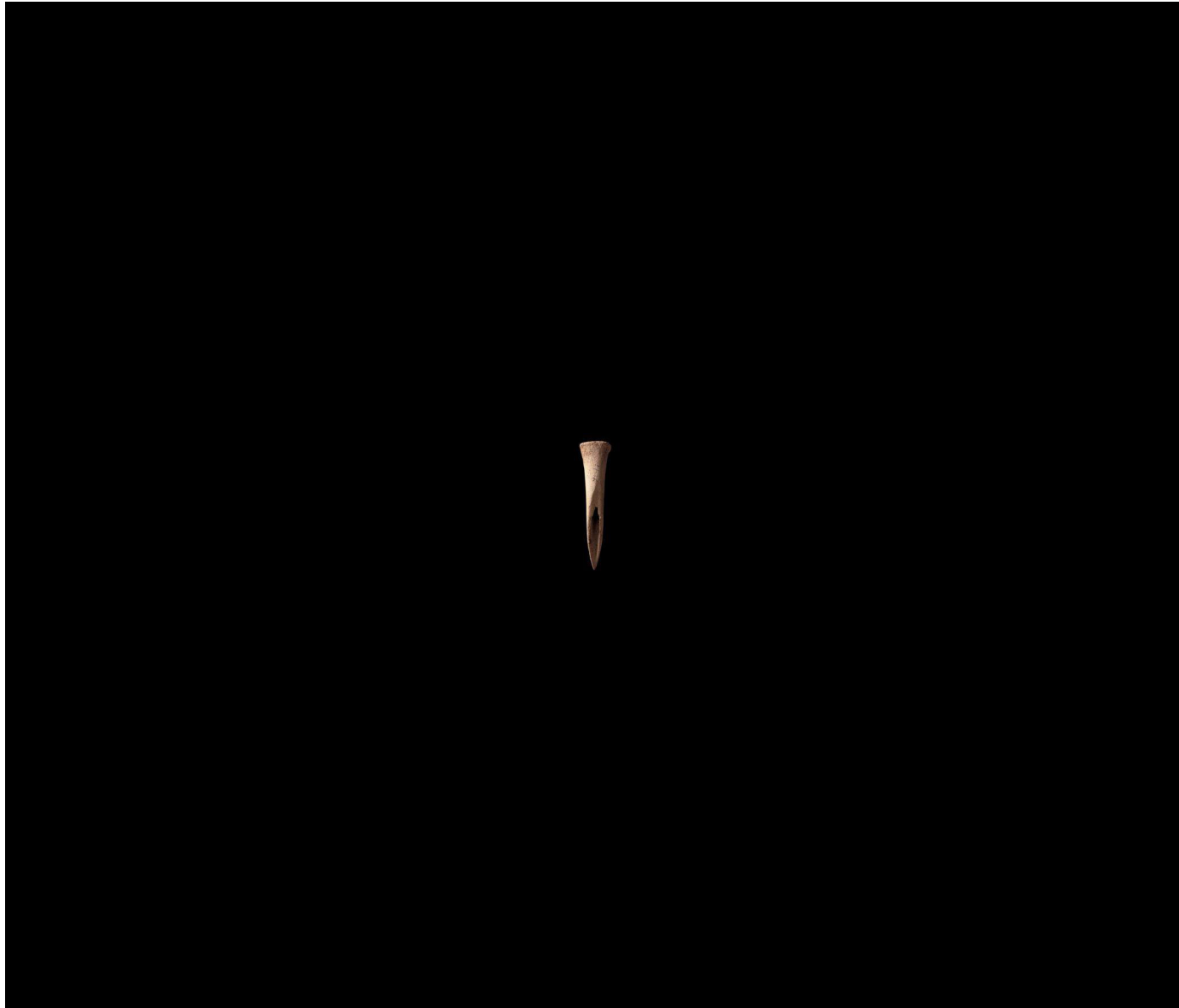


Figura 4- Ponta - osso de mamífero (acervo MAE/USP)



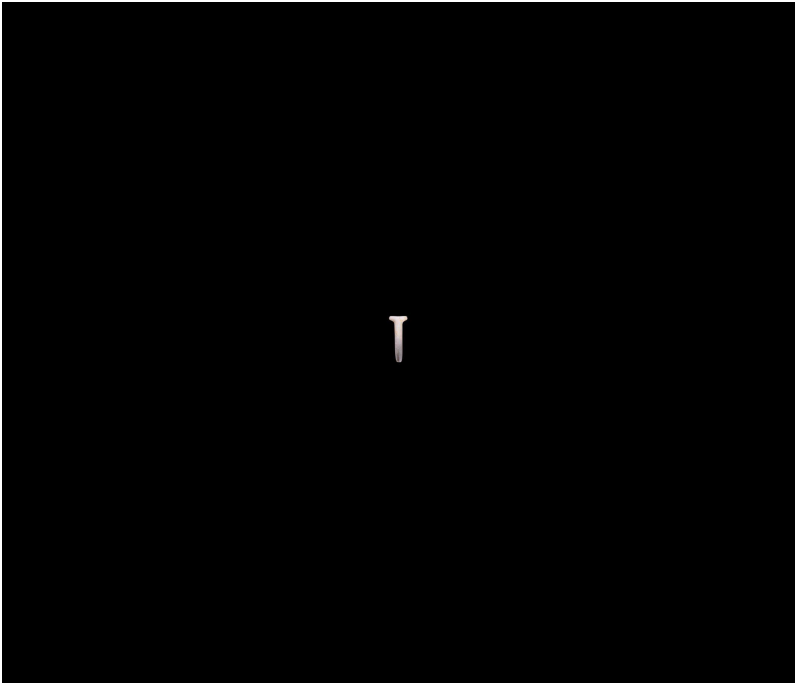


Figura 5- Tembete (acervo MAE/USP)

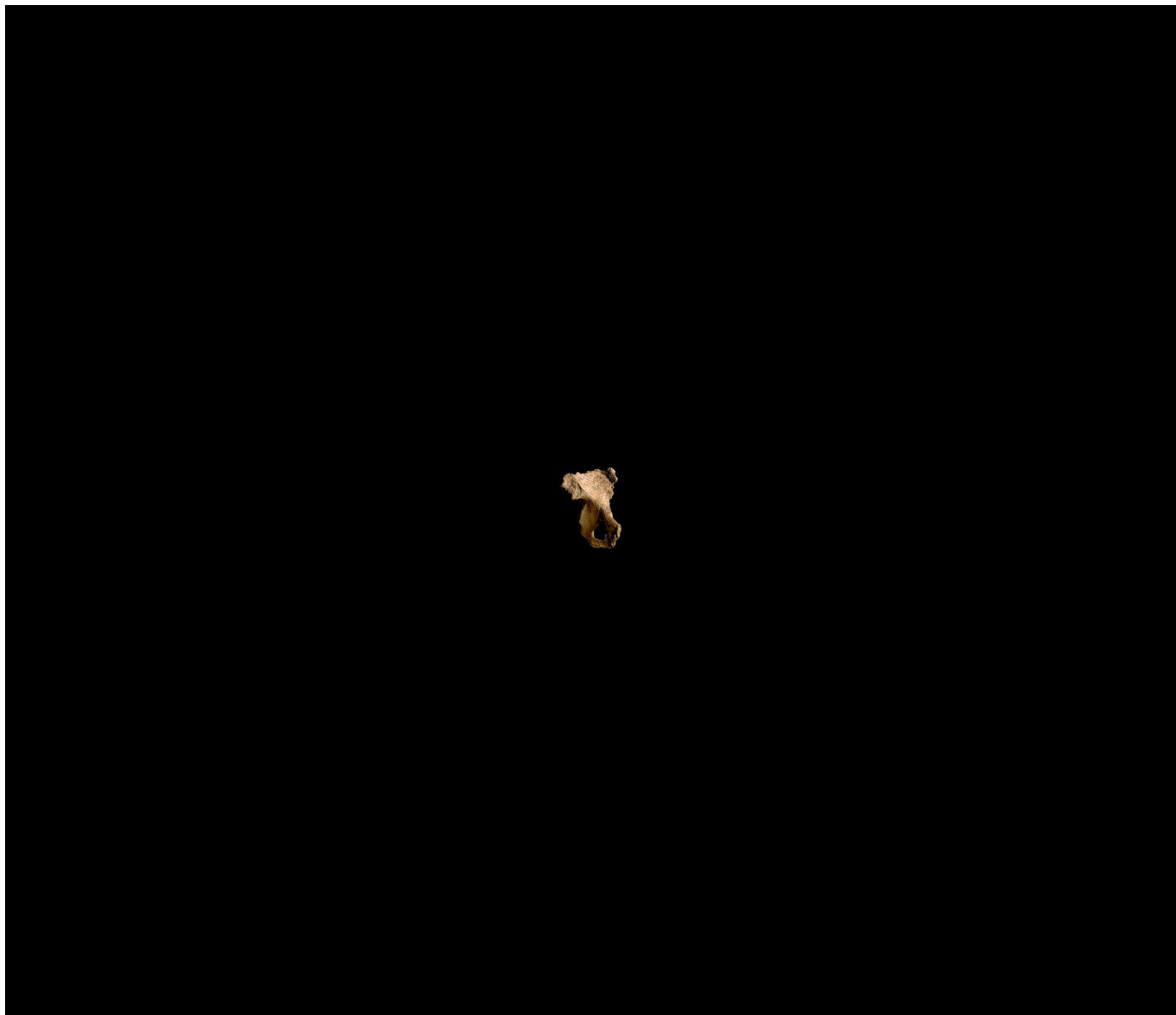


Figura 6 - Fragmento de osso de bacia (acervo MAE/USP)

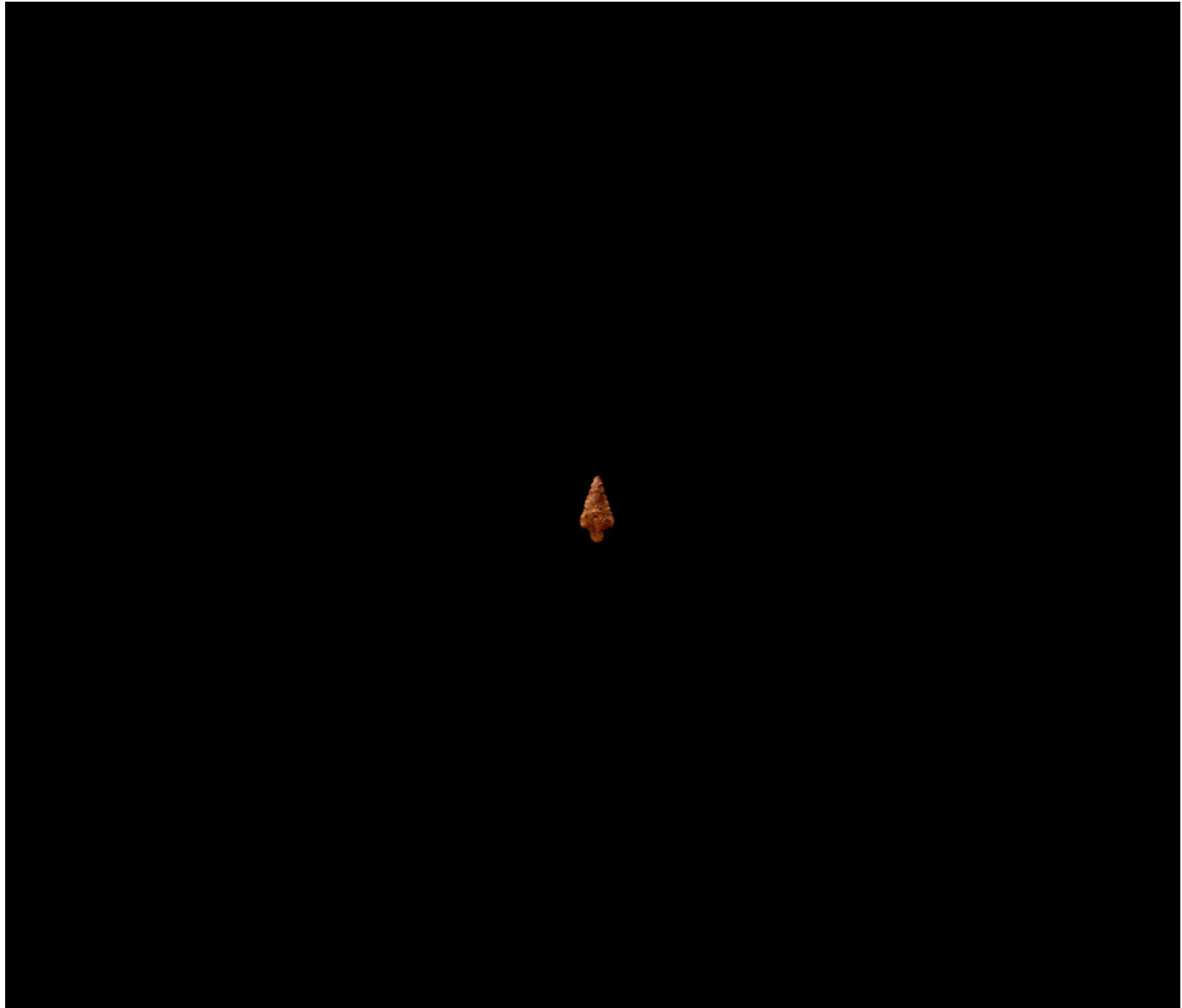


Figura 7 - Ponta de projétil (acervo MAE/USP)



Figura 8 - Adorno - dente de mamífero (acervo MAE/USP)

